



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA DE FORMA INCLUSIVA

Luandson Luis da Silva ¹

RESUMO

O presente artigo em questão aborda concepções acerca da sociolinguística educacional e o ensino da língua portuguesa de forma inclusiva com o propósito de discutir o combate ao preconceito linguístico na escola. Partindo desse viés, é necessário analisar as aulas de língua portuguesa destacando que nem sempre elas contemplam o uso da língua restringindo-se apenas a gramática normativa. Dentro dessa perspectiva, o objetivo principal do trabalho consiste em desmistificar as ideias entre o falar certo e o falar errado perante os contextos usuais da região e da comunidade linguística. O trabalho problematiza-se dentro de uma reflexão linguística voltada para o preconceito linguístico no âmbito escolar principalmente nas aulas de língua portuguesa por ainda ser um fato recorrente na contemporaneidade. O trabalho contou com uma pesquisa de cunho bibliográfico nos trazendo as reflexões e as ideias de alguns autores tais como: Bagno, (2004, 2009); Bortoni-Ricardo, (2004); Dionisio, (2005); Faraco CA. (2001); Gil, (2008); Brasil (1998); Mollica, (2004); Travaglia LC. (2003). O trabalho busca proporcionar a compreensão sociolinguística educacional dentro do processo de formação e de construção de conhecimento com respeito entre as variedades linguísticas.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional, Aulas de Língua Portuguesa, Preconceito Linguístico.

INTRODUÇÃO

Em meados de 1960 a sócio linguística surgiu como instrumento de reações as correntes estruturalistas e gerativistas por considerarem várias construções a língua em sua realidade abstrata e seus fatos históricos políticos e sociais.

A sociolinguística dentro desses preceitos considera que os fatos históricos e sociais dos falantes na disciplina de língua portuguesa fazem parte do seu cotidiano da sua comunidade linguística que realçam dentro da língua portuguesa o pertencimento do indivíduo a um determinado grupo social.

Na sala de aula é possível perceber que o professor de língua portuguesa pode demonstrar e mostrar os estudantes uma nova forma de perceber as variações ou até mesmo os modos de expressões aproximadas a determinados contextos que podem ser utilizados ou não dentro de determinadas situações. É importante discutir que a linguagem ela precisa ser a mais formal possível dentro da perspectiva de apresentação seja ela no seminário ou em atividades informais como conversa com amigos familiares vizinho e dentre outros.

¹ Doutorando do Curso de Doctorado en Ciencias de la Educación da Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA-PY), professorluandsonluis@gmail.com;



A sociolinguística demonstra dentro dessa perspectiva uma importância extrema por tratar o campo Educacional e o ensino da língua portuguesa como elementos indistintos que trazem realidades linguísticas dentro do ambiente social. Vale destacar que a escola é um dos principais locais onde o indivíduo expressa se comunica e pratica a sua linguagem juntamente com o preconceito linguístico pelo fato de desconhecer as características distintivas da sociolinguística Educacional ou até mesmo do preconceito construído socialmente em relação a área da sociolinguística.

É importante considerar dentro dessa perspectiva o senso comum pois a partir daí se ancoramos na ideia de se propagar a língua portuguesa como instrumento facilitador que proporcionam ao indivíduo reflexões necessárias para se utilizar a língua e os fenômenos linguísticos da contemporaneidade.

A escolha da temática social linguística e o ensino de língua portuguesa foi escolhida pelo fato de que essa área de estudo é uma das principais aliadas para enfrentar o preconceito linguístico nas escolas e fora desses espaços socioeducacionais pois a língua portuguesa heterogênea e possui diversas características para lares e visões que não se ancoram apenas no português padrão.

Dessa forma, a Linguística é uma maneira inovadora de promover o respeito coletivo entre os diversos personagens da comunidade seja ela escolar ou não sendo compreendida como um instrumento que muda esse neste fica esse varia a depender do tempo e da região que se encontra.

Este estudo emergiu do debate entre professores de língua portuguesa, acerca da sociolinguística educacional e o uso nas aulas da gramática normativa, pura, sem levar em consideração a cultura linguística (sócio e histórica) trazida pelo aluno, gerando assim, muitas vezes, preconceito linguístico no espaço escolar.

O objetivo principal desse artigo consiste em desmistificar as ideias entre o falar certo e o falar errado perante os contextos usuais da região e da comunidade linguística. Já para objetivos específicos: abordar as concepções acerca da sociolinguística educacional e discutir o combate ao preconceito linguístico na escola.

Por fim, para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada a partir da análise pormenorizada em livros físicos e outros materiais e dados já publicados na literatura e artigos científicos divulgados no meio eletrônico. A partir da erudição, são apresentados embasamentos teóricos com base nos PCNs, confrontando com os teóricos em sociolinguística tendo como norte Bagno, (2004, 2009);

Bortoni-Ricardo, (2004); Dionísio, (2005); Faraco CA. (2001); Gil, (2008); Brasil (1998); Mollica, (2004); Travaglia LC. (2003). E entre outros que exploram a temática.

A SOCIOLINGUÍSTICA INCLUSIVA NO CAMPO DE ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Através da leitura do livro Bortoni-Ricardo (2004), educação na língua materna, na sala de aula em sociolinguística é outros tipos de leitura integrantes é vemos a importância da sociolinguística da educação no meio do ensino da língua portuguesa.

A mistura da língua faz parte de vários comandos sociais a escola está entre eles. À medida que o aluno é ciente que a língua se modifica e muda de acordo com as regiões, ele passa a considerar a mistura linguística. Compreender esse meio ajuda no entendimento da história da língua no desenvolvimento de criação e modificação do léxico, Conforme Faraco (2001):

A sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes coexistem, ao caso da qual uma termina por vencer a outra, podendo – por vicissitudes do processo – subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá. (FARACO, 2001, p. 58)

O contexto social de cada um é tido como exemplo de que é viável manejar a língua em diferentes situações em que é usada. Ela é empregue de várias formas, podemos usar como exemplo, ao falarmos com um Juiz, promotor, ao pai ou a mãe.

Com isso pode-se perceber as diferentes formas de interação da língua, a qual levamos para o ambiente escolar e que devem ser pautados na inclusão, por já trazer de casa essa bagagem. O aluno pode ter o controle da norma padrão, enquanto as variações da língua são dadas através da troca entre o professor e seus alunos, conforme confirma Travaglia (2003):

Uma educação linguística é necessária, importante e fundamental para as pessoas viverem bem em uma sociedade e na cultura que se veicula por uma língua e configura essa língua por meio de um trabalho sócio-histórico-ideológico que estabelece tanto os recursos da língua como as regularidades a serem usadas para comunicar quanto os significados/sentidos que cada recurso é capaz de pôr em jogo em uma interação comunicativa.” (TRAVAGLIA, 2003, p. 23)

O aluno é ciente de que na língua há várias misturas no desenvolvimento da relação social é entendido que: A definição que alunos e professores outorgam a variante são diversos e necessitam serem bem esclarecidos se quiserem estudar sociolinguística educacional. A fala no meio internacional se torna vasta nesta percepção pois não serão as mesmas dependendo do lugar e da região na qual está inserida. Ela é mística no ambiente escolar e na sociedade fora do



ambiente escolar, e se não fosse mística a língua não era variação linguística, é todos teriam o mesmo idioma e isso é improvável.

Não é fácil trabalhar a sociolinguística educacional por existirem professores que não tiveram em sua formação o saber nessa área. Até os docentes da área de língua portuguesa não sabem lidar com esse tipo de problema por não terem ciência das variedades linguística é dizem ser erro de português.

É importante refletir sobre essa temática para vir entender o motivo pelo qual ainda permanece atualmente esse linguaja antigo nas pessoas do interior. Isso acontece por serem pessoas que vivem em lugares afastados é o resultado é a permanência desses costumes linguísticos. É possível que aconteça na escola existam alguns alunos com essas características é isso é visto de forma negativa podendo acarretar traumas nesses estudantes.

Ademais a escola deve estar posta para enfrentar, mas esse desafio em forma de preconceito que está implantado na sociedade por isso é tido como um preconceito social ao em vez do linguístico, Segundo Bagno (2009):

[...] [o] preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente (BAGNO, 2009, p. 38).

O professor que leciona língua portuguesa se não tiver ajuda da escola terá dificuldade para mudar esse quadro: “Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística” (BRASIL, 1998, p. 82).

Em conversa com os PCN da língua portuguesa (1998), que vive essa realidade no meio escolar. Até mesmo o professor acaba por reproduzir esse preconceito na realidade enquanto docente, pois,

[...] o preconceito linguístico tem sido um ponto bastante debatido na área, uma vez que se nota ainda a predominância de práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, que tomam como referência o padrão culto. [...] os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (MOLLICA, 2004, p. 13).

Conforme Bortoni-Ricardo, (2004, p. 53); quem reside na área urbana possa ser que tenha ou já teve parente que mora na área rural “Muitos de nós, brasileiros residentes em áreas urbanas, como disse "temos antepassados de origem rural”. Um bom exemplo é o personagem



Chico Bento que pode ser utilizado nas aulas de língua portuguesa para conscientizar os educandos sobre a diversidade linguística:



Fonte: <http://pseudolinguista.blogspot.com.br/2014/05/voce-fala-igualzinho-ao-chico-bento-e.html>

Algumas palavras que hoje são tidas como erro do português em um determinado tempo foram vistas como certa. O linguajar que é usado no meio rural é possível que entre no meio urbano, visto que muitos dos residentes da área rural sentiram a necessidade de mudar para lá.

Chama atenção quando os PCN'S da língua incluem em suas recomendações de atividades que alcancem os fenômenos das diversas comunidades linguísticas da área urbana a rural: "elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos" (BRASIL, 1998, p. 83).

Segundo Dionísio (2005):

Acrescente-se que é no momento em que o aluno começa a reconhecer sua variedade linguística como uma variedade entre outras que ele ganha consciência de sua identidade linguística e se dispõe à observação das variedades que não domina (DIONÍSIO, 2005, p. 88).

Com a classificação que é feita por meio da variação linguística de pouca importância tem o pensamento de que os brasileiros descendentes não sabem pronunciar o português de forma correta por ser uma língua não fácil, no entanto, consolidam que português é apenas formado por normas da gramática.

A vista disso, analisar o meio de interação tanto na sala de aula quanto fora dela ajuda a compreender os inúmeros acontecimentos da língua que poderá surgir. É sabido que apenas alguns docentes que tiveram formação na sociolinguística e até mesmo os que tiveram não sabem lidar com as variações da língua que acontecem em meio a sociedade, em que incluímos também a escola. No livro de Bortini-Ricardo (2005), "*Nós chegemos na escola e agora?*" Encontra-se seis princípios que podem nortear os professores e os educandos no trabalho da sociolinguística, sendo eles:



1º princípio: a influência da escola na aquisição da língua não deve ser procurada no dialeto vernáculo dos falantes – em seu estilo mais coloquial – mas sim em seus estilos mais formais, monitorados. É no campo da linguagem monitorada que as ações de planejamento linguístico têm influência. [...] A tarefa da escola está justamente em facilitar a incorporação ao repertório linguístico dos alunos de recursos comunicativos que lhes permitam empregar com segurança os estilos monitorados da língua que exigem mais atenção e maior grau de planejamento.

2º princípio: relaciona-se ao caráter sociossimbólico das regras variáveis. Regras não estão associadas à avaliação negativa na sociedade, não são objeto de correção na escola, e, portanto, não vão influir consistentemente nos estilos monitorados.

3º princípio: refere-se à inserção da variação sociolinguística na matriz social. No Brasil, a variação está ligada à estratificação social e a dicotomia rural-urbano. Pode-se dizer que o principal fator de variação linguística no Brasil é a secular má distribuição de bens materiais e o conseqüente acesso restrito da população pobre aos bens da cultura dominante.

4º princípio: os estilos monitorados da língua são reservados à realização de eventos de letramento em sala de aula. Para a realização de eventos de oralidade podemos nos valer de estudos mais casuais. Desta forma, em lugar da dicotomia entre português “culto” e português “ruim” instituiu-se na escola a dicotomia entre letramento e oralidade. (BORTONI-RICARDO, 1995 apud BORTONIRICARDO, 2005 p.131)

5º princípio: postulamos a descrição da variação sociolinguística educacional não poder ser dissociada da análise etnográfica e interpretativa do uso da variação em sala de aula. O ponto de partida da sociolinguística 22 educacional não é a descrição da variação per si, mas sim a análise minuciosa do processo interacional na qual se avalia o significado que a variação assume.

6º princípio refere-se ao processo de conscientização crítica dos professores e alunos quanto à variação e a desigualdade social que R. Letras, Curitiba, v. 19, n. 26, p. 1-15, set. 2017. Página | 4 ela reflete, nesse processo é necessário que o linguista não se limite a transmitir informações técnicas que são produtos da pesquisa acadêmica é preciso que se estabeleça um efetivo diálogo com o professor por meio de pesquisa que o enriqueça e o torne apto a promover uma autorreflexão e uma análise crítica de suas ações (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130).

Com base nesses princípios, o educador compreenderá que não existe uma língua melhor do que a outra, tanto no livro da Bortoni-Ricardo (2005) quanto no livro A língua de Eulália de Marcos Bagno (2004) há um material que pode ajudar os professores referente a sociolinguística pois possuem uma linguagem compreensível é de fácil acesso. Com o conhecimento da sociolinguística é esperado que esse preconceito tenha uma diminuída, pôr o comando linguístico ainda se trata de uma relação de poderes no âmbito social.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa do trabalho em questão contou com a pesquisa de cunho bibliográfico, na qual é possível utilizar, livros, revistas, artigos, periódicos, e dentre outros instrumentos e legislações.

Conforme Gil (2008, p. 44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Perante essa

perspectiva o trabalho ganhou forma e abordou os aspectos distintivos da sociolinguística dentro da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, aqui não é defendido que a norma padrão da língua deve deixar de ser lecionada, sem dúvida ela necessita ser ensinada, o que é defendido é que é importante o conhecimento da sociolinguística educacional de modo que os docentes e os discentes possam conviver com as diferenças da fala.

No qual engloba tudo: as diferenças sociais, a religião, o meio entre outros, com o intuito de que haja respeito entre as diferenças no meio de interações, por a língua portuguesa ser muito rica quanto a isso. É interessante ressaltar que os docentes nas aulas de língua portuguesa podem sentir-se inseguros ao falar sobre o assunto por não ter visto em sua formação, até mesmo por não saber como passar isso para o alunado mesmo tendo a formação para isso. Trabalhar com o linguajar que é falado é um meio que necessita ser mostrado em sala de aula.

O conhecimento da sociolinguística vindo do âmbito escolar é um grande incentivo para promover respeito por parte dos estudantes dentro e fora da escola. A história da língua pode ser um incentivo para a compreensão do léxico na língua é sociolinguístico.

Referente aos PCN's do português diz que estudar as variações um fator de grande importância no desenvolvimento do entendimento da língua e na formação no entendimento de discutir do alunado é deve fazer parte das atividades de português. O que realmente acontece que em muitas instituições de ensino não é trabalhada a sociolinguística por ser vista como uma negação pelos docentes que não tiveram formação na linguística e sociolinguística.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Preconceito linguístico: **o que é, como se faz**. 29ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Parâmetros curriculares Nacionais Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIONISIO, Angela Paiva. **Variedades Linguísticas**: avanços e entraves. In: _____. O livro didático de português: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 75-88.

FARACO CA. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial. 2001.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: **o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

TRAVAGLIA LC. Gramática e interação: **uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º grau**. São Paulo. Cortez. 2003.